

## Segredos do divã de Freud<sup>1</sup>

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

“O meu pai mete a língua bem dentro da minha boca: uma língua húmida, insistente, exploratória, que depois retira (...) Fico assustada com aquele beijo. Sei que é errado, e é o facto de ser um erro que me leva a saber também que devo guardar segredo dele” (pág. 54). Íntimo e proibido — assim é *O beijo*, da escritora norte-americana Kathryn Harrison. Trata-se de um livro de memórias que descreve a paixão incestuosa de uma jovem pelo pai, um pastor protestante, iniciada quando este a visita, após uma ausência de dez anos.

*O beijo*, espécie de despertar da Bela Adormecida para uma realidade perturbadora, marca o início de um amor socialmente proibido. Pai e filha telefonam um ao outro durante horas; escrevem longas cartas; mantêm relações sexuais em motéis; marcam *rendez-vous* em lugares anónimos. As primeiras linhas do romance apresentam ao leitor, em estilo de confidência, o mundo clandestino destes amantes: “Encontramo-nos em aeroportos. Encontramo-nos em cidades onde nunca tínhamos estado. Encontramo-nos onde não podemos ser reconhecidos por ninguém. (...) Vamos para sítios irreais — Petrified Forest, Monument Valley, Grand Canyon — locais tão agressivos, tão belos e tão mortais como os que se veem nas fotografias de satélite de planetas distantes” (pág. 11).

Ao longo de quatro anos, Kathryn debate-se com sentimentos contraditórios, reveladores da tensão inerente a um afeto proibido: por um lado, sente culpa e nega para si o incesto; por outro, submete-se ao desejo do pai, por quem experimenta um inegável fascínio. Mas procurará ela um amante, ou antes a figura paternal com a qual tanto sonhara durante a infância? O que a impede de quebrar os laços? A resposta encontra-se no poder de manipulação do pregador que vai submetendo Kathryn: “O beijo marca o momento em que eu começo, lenta e inexoravelmente, a adormecer, a abdicar da vontade, a ficar paralisada. É a droga que o meu pai me administra para poder consumir-me. Para que eu deseje ser consumida” (p. 55).

Ao longo de quatro anos, o pai asfixia a jovem com ciúmes, retórica religiosa e violência verbal, até a relação se tornar impossivelmente tensa. Kathryn, que já sofrera de anorexia, enfrentara a bulimia, e se autoflagelara, parece ser a vítima perfeita — aquela que é frágil e pactua com o agressor. Contudo, a jovem *sobrevive* (um termo central nesta biografia) e

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Segredos do divã de Freud [*O beijo*, de Kathryn Harrison]”. *Rede2020*, 4.1 (jan.-fev. 2008): 10.

consegue libertar-se do poder paterno.

O estilo de Harrison é desafetado e fragmentário, como não seria de esperar de um livro de memórias. *O beijo* assemelha-se mais ao relato tecido pelas vítimas de traumas, que se limitam a contar os factos pungentes, acreditando que estes falam por si, e demarcando-se da sua análise. No entanto, não se julgue que este romance é redigido num estilo prosaico — bem pelo oposto. De facto, a escolha dos episódios mais tocantes emociona ou provoca o leitor; a narrativa na primeira pessoa concede verosimilhança à história; o uso do tempo presente torna-a vívida.

No todo, é o testemunho corajoso de quem experienciou uma relação patológica e foi capaz de a descrever e publicar. O resultado é uma obra perturbadora, que exorta o leitor a questionar conceitos como inocência, incesto e amor. Ideal para meninas góticas, *voyeurs*, psicanalistas ou quem se deixe fascinar pela devastadora complexidade do amor.

**Ref.ª:** Harrison, Kathryn. *O beijo*. Trad. M.ª do Carmo Figueira. Lisboa: Bizâncio, 1997. ISBN: 972-53-0005-X.